

though common Fashion, of raising the Reputation of my own Book at the Expence of my Brethren on the Subject, or start Objections to others for my Advantage.—But, on the contrary, am ready to allow, that, by how much more soever we are indebted to the ingenious Contriver of any new Scheme for public Advantage, than to him who only imposes upon it; by so much ought I to be content with the least Share of public Thanks, and the greatest Blame, if this Grammar, as the last, be not or preferable to the best yet published. On'y,
a 3



POR
MARÍLIA KODICK

É jornalista cultural
e ama livros



A ESCRITA COMO CURA

A ESCRITA COMO FACA. E remendo. Como cárcere e alforria. E também como espelho. E terapia, catarse e cura. Quem escreve sabe – e não falo aqui necessariamente da escrita profissional, mas de toda escrita introspectiva, visceral. Aquela que é capaz de confrontar, decifrar e redefinir nosso passado, que jorra de nós e nos salva. “Salvar do apagamento os seres e as coisas de que fui protagonista, palco ou testemunha, em uma sociedade e em um tempo dados – sim, sinto que está aí minha grande motivação para escrever”, narra Annie Ernaux no recém-lançado *A Escrita como Faca* (Ed. Fósforo; 240 págs.; R\$ 74,90).

Mas não se pode fazê-lo, defende a escritora francesa, vencedora do Nobel de Literatura do ano passado, sem um distanciamento extremo, objetificador, uma espécie de dissociação de si mesmo. É preciso ser o próprio poeta fingidor, o clássico de Fernando Pessoa, aquele que finge que é dor a dor que deveras sente. Ou, em uma metáfora bem construída pela escritora espanhola Rosa Montero em seu novo livro, *O Perigo de Estar Lúcida* (Ed. Todavia; 272 págs.; R\$ 74,90), o inseto e o entomólogo.

“Há uma parte de mim que sabe tudo e não sente nada. Bem, dizer que não sente nada não é de todo exato: claro que sente certa simpatia e compreensão pela outra parte que sofre, mas de um lugar impávido e olímpico, como o entomólogo que analisa um coleóptero com olhar desapaixonado, embora compassivo”, diz. Para ela, ao escrever, somos “ao mesmo tempo insetos esperneando e estudiosos que observam o esperneio”.

Esse exercício de ser simultaneamente agente e observador, de viver uma dupla encarnação, a de carne e a de papel, é explorado por Ernaux e Montero como algo além de um meio de contar histórias (potentes e premiadas histórias, no caso). É também um veículo para a autocompreensão, uma ferramenta para processar experiências e emoções complexas. Ernaux assim define o ato de escrever: “Descobrir o que é impossível de descobrir por qualquer outro meio, fala, viagem, espetáculo etc. Nem pela reflexão por si só. Descobrir alguma coisa que não existe antes da escrita”.

Ao escrever, não apenas revisitamos experiências, mas as transformamos. Por meio da narrativa, temos a capacidade de mudar a perspectiva sobre eventos passados, atribuindo-lhes novos sentidos. Essa redefinição não é uma simples alteração dos fatos, mas uma reinterpretação que permite desvendar emoções, pensamentos e reações.

“Talvez um dia eu chegue em casa me arrastando, abatida, derrotada, mas não enquanto meu coração puder criar histórias, e minha dor, beleza”, escreveu Sylvia Plath. A escrita nos permite confrontar e articular aspectos de nós mesmos que não acessaríamos de outra forma. Volto a Pessoa para concluir: “A literatura, como toda a arte, é uma confissão de que a vida não basta”. ■